

ENSINO DE ARTES VISUAIS: ARTE AFROAMAZÔNICA E PAULINO DE SOUZA DO ROSÁRIO

Italo Samuel de Jesus Brandão¹
UNIFAP
Associado/a/e ANPAP: não

Fábio Wosniak²
UNIFAP
Associado/a/e ANPAP: sim

RESUMO

O estudo emprega pesquisa-criação (Mignolo; Gómez, ano), tomando a produção gráfica de Paulino de Souza do Rosário (1945-2012) como corpus. A pesquisa objetiva reafirmar identidades negras amazônicas no ensino de Artes Visuais. Metodologicamente combina análise iconográfica, oficinas formativas e validação comunitária dos materiais didáticos. Os resultados mostram que as obras de Paulino operam como dispositivos críticos, estimulando leituras históricas, ambientais e étnico-raciais. O processo amplia a participação discente e fortalece a relação escola-território. O apoio do LABPOD e da FAPEAP garante infraestrutura, circulação acadêmica e impacto social, consolidando um modelo de arte/educação dissidente na Amazônia.

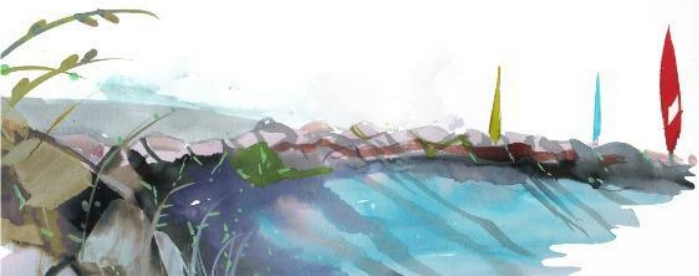
PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Artes Visuais; Arte Afro-Amazônica; Paulino Souza do Rosário.

Diante dos esforços para valorizar identidades negras amazônicas no ensino de Artes Visuais, Paulino de Souza do Rosário (1945-2012) surge como figura-chave. Artista, educador e agente cultural nascido na Vila do Carmo do Macacoari (Amapá), ele produziu desenhos que refletem a paisagem, o cotidiano ribeirinho e a memória coletiva afro-amazônica, empregando técnicas que vão do nanquim à pintura para criar recursos pedagógicos capazes de dialogar criticamente com a História da Arte.

¹ Graduando no Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Bolsista de Iniciação Científica do Programa Afrocientista do Amapá – PROAFRO Pesquisa e Inovação Étnico-Raciais – FAPEAP. <http://lattes.cnpq.br/6419656095340512>.

² Doutor em Artes Visuais pela UDESC (2019). Professor efetivo do curso de Artes Visuais da UNIFAP (Macapá) e docente permanente do PPCULT/UNIFAP, colaborador no PROFArtes/URCA. Coordena o projeto de extensão “Encanterias” e o LABPOD, lidera o GEPDAV (CNPq/UNIFAP), atua como editor-gerente da Revista Encanterias e exerce a primeira secretaria da ANPAP. <http://lattes.cnpq.br/6525393533253057>.



Além de sua atuação na criação artística, também se evidenciou como educador dedicado à formação cidadã e à promoção das tradições regionais. Seu legado demonstra o potencial criativo da arte no âmbito educacional, especialmente quando relacionada à formação de identidades e à consolidação de pertencimentos culturais. Analisar seu percurso, assim sendo, não apenas contribui a reconhecer sua importância na cultura amapaense, mas também a reforçar práticas pedagógicas críticas, localizadas e inclusivas.

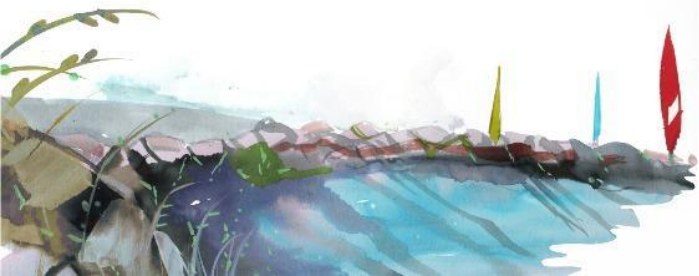
Dessa forma, o percurso de Paulino se insere no mesmo contexto estético-pedagógico que caracteriza a arte afro-amazônica, cujas particularidades se revelam, entre outros elementos, por: a) Incorporação de símbolos afro-brasileiros (orixás, grafismos, elementos ligados à espiritualidade), que articulam ancestralidade e contemporaneidade; b) Relação íntima com o território, expressa em representações de rios, florestas, embarcações, fauna e cotidiano ribeirinho e quilombola; c) Valorização da oralidade e da memória coletiva, exaltando personalidades locais, episódios de resistência e tradições culturais; d) Uso de materiais simples e naturais (madeira, sementes, pigmentos, objetos reaproveitados), que evidenciam conexão ambiental e compromisso com práticas sustentáveis.

Essas características reforçam a identidade negra na Amazônia, diversificam a perspectiva artística que, historicamente, se concentra no Sudeste, e atuam como meio de instrução sobre a diversidade, promovendo discussões acerca do racismo, da desigualdade social e do direito ao pertencimento (hooks, 2022). Diversos artistas trabalham em parceria com instituições educacionais, comunidades quilombolas e movimentos sociais, fomentando processos colaborativos de criação e resistência.

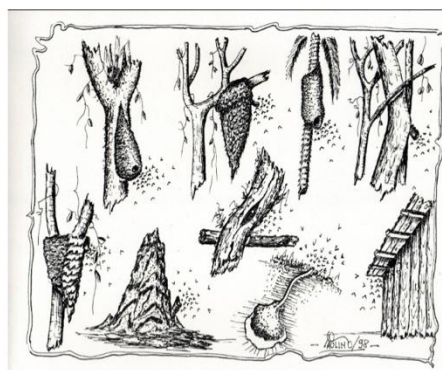
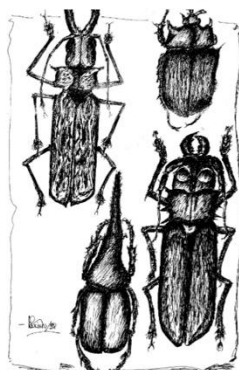
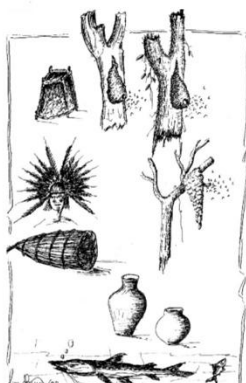
A investigação contemporânea sobre a vida e o legado de Paulino assume dois focos principais, que se complementam e garantem a robustez das evidências. Primeiro, bolsistas da Universidade Federal do Amapá integram o Programa Afrocientista do Amapá (PROAFRO), após seleção pela Chamada Pública nº 007/2024 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amapá – Fundação Tumucumaque (FAPEAP; FUNDAÇÃO TUMUCUMAQUE, 2024). Esse respaldo institucional assegura recursos e orientação para estudos que valorizam as contribuições afro-amazônicas, situando o legado de Paulino no centro dos debates acadêmicos atuais.

Em paralelo, os bolsistas realizaram entrevistas abertas com três familiares do artista (duas tias e uma irmã). Esses encontros, marcados por dinâmicas dialógicas, permitiram: Reconstruir suas origens, valores e princípios; compreender seu papel pioneiro na introdução e fortalecimento do escotismo no Amapá e Revelar desafios enfrentados e a persistência de Paulino na produção cultural e na docência, mesmo diante da escassez de reconhecimento em vida.

As entrevistas, verdadeiras jornadas de escuta e reconstrução de memórias afetivas, expandem a compreensão sobre o impacto de suas contribuições para a sociedade amapaense. Assim, a combinação entre o suporte oferecido pelo PROAFRO e o levantamento de relatos orais delinea um panorama consistente da pesquisa recente,



destacando não apenas a relevância cultural de Paulino, mas também o empenho acadêmico em preservar e difundir sua história.

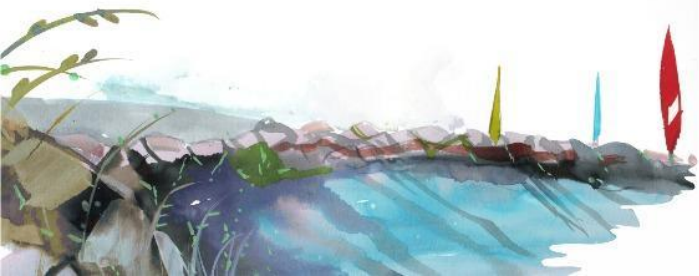


Paulino de Souza do Rossário. S/t. Nanquim sobre papel, s/d. Acervo do autor.

A pesquisa recente aponta que a integração de manifestações afro-amazônicas ao currículo, como o marabaixo e as cosmologias locais, vem se consolidando como prática pedagógica culturalmente sensível, sobretudo quando assume uma perspectiva de arte/educação dissidente (Wosniak, 2024) que desafia cânones eurocêntricos. Lemos e Baptaglin (2023) demonstram que, ao tratar o marabaixo como eixo estruturante e não como conteúdo periférico, as escolas articulam história, espiritualidade e pertença territorial, fomentando a construção de identidades coletivas.

Nessa mesma linha, Wosniak e Guedes Júnior (2022) revelam que experiências baseadas em performance arte e mapeamentos afetivos — entendidas aqui como abordagem das encanterias— ampliam o engajamento estudantil ao convocar corpos, memórias e territórios para o centro do processo formativo, questionando hierarquias de saber e abrindo espaço para pedagogias decoloniais e antirracistas.

Contudo, Brito et al. (s.d.) advertem que persistem interpretações eurocêntricas que relegam essas expressões à categoria de “artesanato”, tensionando o reconhecimento de seus valores epistemológicos e culturais. Entre oficinas participativas, análises críticas da cultura visual e propostas de cartografia afetiva, as estratégias citadas fortalecem práticas curriculares dissidentes; ainda assim, desafios na formação docente e na produção de materiais didáticos adequados à diversidade



regional continuam a limitar a expansão dessas iniciativas e evidenciam a necessidade de políticas sustentadas que consolidem a arte/educação dissidente como paradigma pedagógico no contexto amazônico.

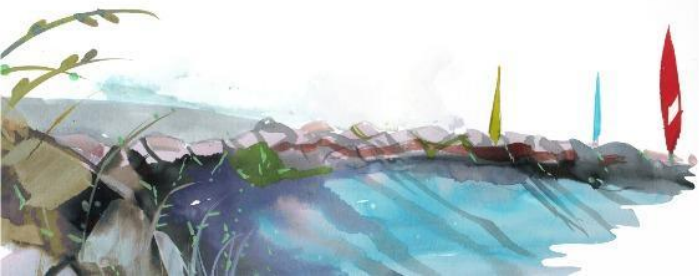
Em síntese, a arte/educação dissidente constitui uma abordagem pedagógica que, ao articular criação artística e conhecimentos ancestrais, subverte cânones eurocêntricos ao posicionar saberes afro-amazônicos e epistemologias outras no centro da experiência escolar. Em vez de tratar as manifestações culturais locais como folclore ou ornamento, essa perspectiva reconhece-as como fontes legítimas de conhecimento, convocando corpo, território, memória e afetividade para reconfigurar a sala de aula em espaço de resistência e produção crítica (Wosniak, 2024).

Assim, práticas como o marabaixo, as performances de mapeamento afetivo e a análise da cultura local deixam de ser meras “ilustrações” do currículo e passam a operar como dispositivos decoloniais e antirracistas que desestabilizam hierarquias entre arte e artesanato, teoria e prática, docente e discente, arte e vida, natureza e humano. Ao afirmar a potência criativa dos grupos historicamente silenciados, a arte/educação dissidente amplia o horizonte político do ensino, estimulando nos estudantes uma consciência coletiva que associa aprendizagem, emancipação social e justiça cognitiva.

O presente estudo gera impactos multidimensionais que extrapolam o resgate biográfico de Paulino e dialogam com agendas institucionais de fomento e pesquisa. No campo cultural, a documentação de sua produção afro-amazônica — desenho e pintura da paisagem — reativa memórias silenciadas e fortalece a identidade negra no Amapá, contribuindo para aquilo que Munanga (2019) chama de “patrimônio afetivo compartilhado”. No plano educacional, os resultados oferecem subsídios concretos para práticas críticas, decoloniais e inclusivas no ensino de Artes Visuais: (a) orientam a criação de materiais didáticos que representem repertórios locais, (b) oferecem referências para oficinas participativas centradas em corporeidade e oralidade e (c) fornecem evidências empíricas que ajudam docentes a superar a abordagem ainda majoritariamente eurocêntrica dos currículos (Walsh, 2024; Palermo, 2024).

Financiado pela FAPEAP, o projeto integra-se ao LABPOD, criado em 2024 na UNIFAP, que investiga arte/educação dissidente, corporeidades, visualidades e tecnologias da floresta, articulando-se com escolas públicas, coletivos culturais e comunidades tradicionais. Baseado em pesquisa-criação interdisciplinar (Gómez; Mignolo, 2021), o laboratório oferece suporte teórico-prático e uma rede de formação docente inicial, impulsionando abordagens alternativas de ensino e investigação. A parceria FAPEAP-LABPOD assegura sustentabilidade financeira, projeção acadêmica e impacto social, difundindo o estudo e reafirmando o compromisso de justiça cognitiva na Amazônia.

A pesquisa reitera a importância da arte/educação dissidente (Wosniak, 2024) como uma estratégia decolonial para reconhecer e validar conhecimentos afro-amazônicos no âmbito escolar e acadêmico do Amapá. Ao examinar o percurso de Paulino e delinear metodologias educacionais que incorporam marabaixo, expressões corporais



e cartografias emocionais, a pesquisa evidencia que manifestações que historicamente foram silenciadas podem, e devem, assumir uma posição de destaque no currículo, fomentando identidades coletivas negras e promovendo justiça cognitiva.

As descobertas destacam três contribuições principais: 1) Culturais – O redimensionamento da obra de Paulino reaviva memórias coletivas e reforça o patrimônio imaterial afro-amazônico, favorecendo a continuidade intergeracional de paisagens e cosmologias regionais. 2) Epistêmicos – Ao conectar corpo, território e afetividade, a arte/educação dissidente contesta as hierarquias entre arte e artesanato, arte e vida, ampliando as delimitações do que é reconhecido como saber legítimo. 3) A colaboração entre o suporte financeiro da FAPEAP e o ecossistema de pesquisa do LABPOD evidencia a relevância de políticas públicas integradas na manutenção de iniciativas que unem rigor acadêmico e impacto social.

Contudo, permanecem desafios relacionados à formação de professores, à oferta de materiais didáticos representativos e à resistência de currículos pouco adaptáveis. Essas restrições indicam a exigência de: ampliar a formação continuada em arte/educação dissidente, destinar recursos à criação e circulação de materiais didáticos que dialoguem com múltiplas linguagens e identidades, e intensificar parcerias entre universidades, escolas, coletivos culturais e comunidades tradicionais.

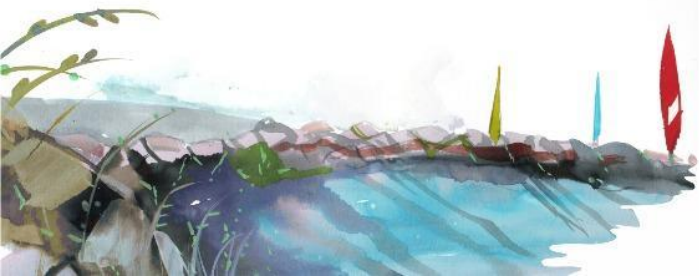
Chega-se à conclusão de que a efetiva integração das estéticas afro-amazônicas nas rotinas escolares está menos relacionada à mera inserção ocasional de conteúdos e mais à implementação de uma abordagem pedagógica que valorize a capacidade transformadora dos conhecimentos regionais. Ao fortalecer redes de investigação e extensão, como o LABPOD, e garantir o suporte de instituições como a FAPEAP, abre-se um panorama vantajoso para que práticas de arte/educação dissidente se proliferem, favorecendo uma educação antirracista, diversa e fundamentada na realidade amazônica.

Referências

BRITO, Márcia Mariana Bittencourt. Conceito de dialogicidade presente na obra de Paulo Freire e a contribuição para a formação de professores em artes visuais: arte e política em diálogo durante a pandemia da COVID-19 na Amazônia. *Arteriais – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes*, 2022.

GUEDES JUNIOR, Napoleão dos Santos; WOSNIAK, Fabio. Encanterias: saberes dissidentes no ensino/aprendizagem de artes visuais. *Revista Apotheke, Florianópolis*, v. 8, n. 3, p. 125–138, 2022. DOI: 10.5965/24471267832022125. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22863>. Acesso em: 16 jun. 2025.

HOOKS, Bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar*. São Paulo: Elefante, 2022.



LEMOS, Dalila Marques; BAPTAGLIN, L. Protagonismo das expressões artísticas amazônicas no ensino de artes na/para a educação básica: quando o seu ouvir, ver e fazer (in)surge. *Revista Saída*, 2023.

MIGNOLO, Walter D; GÓMEZ MORENO, Pedro Pablo. *Reconstitución Estética Decolonial*. Bogotá, Colombia: Sistema de Libros de Investigación Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2021.

MUNANGA, K. Arte afro-brasileira: o que é afinal?. *PARALAXE*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 5–23, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/paralaxe/article/view/46601>. Acesso em: 16 jun. 2025.

PALERMO, Zulma. Irrupción de saberes “otros” en el espacio pedagógico: hacia una democracia decolonial. In: BORSANI, Eugenia Maria.; QUINTERO, Pablo. *Los desafíos decoloniales de nuestros días: pensar en colectivo*. Neuquén: EDUCO - Universidad Nacional del Comahue, 2014.

WALSH, Catherine. *Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir*. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Ecuador, 2017.

WOSNIAK, Fabio; DA SILVA SANTOS, Erlom. INVESTIGAÇÕES POÉTICAS DISSIDENTES NA COMUNIDADE AMAZÔNICA DE ANAJÁS: CONSTRUIR POTÊNCIA A PARTIR DE RITOS ANCESTRAIS. *Revista da FUNDARTE*, [S. l.], v. 59, n. 59, p. e1442, 2024. DOI: 10.19179/rdf.v59i59.1442. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1442>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Notas

Esta pesquisa foi contemplada pela Chamada Pública nº 007/2024 – Programa Afrocientista do Amapá (PROAFRO): “Pesquisa e Inovação Étnico-Raciais”, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amapá (FAPEAP).